

CIÊNCIA E ARTE: VEÍCULO TERAPÊUTICO OBSERVADO EM INSTITUIÇÃO DE SAÚDE MENTAL DO RIO DE JANEIRO

SCIENCE AND ART: THERAPEUTIC VEHICLE OBSERVED IN MENTAL HEALTH INSTITUTION IN RIO DE JANEIRO

Dulce de Barros Gaspar¹
Maylta Brandão dos Anjos²

Especialista em Educação e Divulgação Científica - IFRJ- Campus Mesquita. dulcegaspar63@gmail.com

² Professora Doutora do Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e do Curso de Especialização em Educação e Divulgação Científica- IFRJ- maylta.anjos@ifrj.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo em cujas temáticas ciência e arte são investigadas num cenário de saúde mental no Rio de Janeiro. Analisa-se como a arte pode amenizar os efeitos das doenças emocionais. Traz Nise da Silveira que estudou o uso da arte como terapia, apontando no afeto um dos caminhos para cura dos sujeitos institucionalizados. Assumimos a metodologia da pesquisa participante ao utilizar uma integração entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. A abordagem qualitativa nos ajudou a entender as falas interpretadas. Tivemos por base leituras teóricas que nos levaram a reconhecer, a nada sutil, relação existente entre a ciência e a arte em sua expressão nas novas percepções, emoções e outros significados, que nascem da condição dos sujeitos da pesquisa nos seus valores emocionais e estéticos.

Palavras-chave: Ciência; Arte; Sociedade; Saúde Mental.

ABSTRACT

This article presents a study in whose science and art themes are investigated in a mental health setting in Rio de Janeiro. Analyse how art eases the effects of emotional disorders. Bringing Nise da Silveira, who has studied the use of art as therapy, pointing at the affection one of the paths to healing of institutionalized subjects. We assume the research methodology end, using an integration between researcher and subject of research. The qualitative approach that sought to understand the lines interpreted based on theoretical readings that led us to recognize, nothing subtle, relationship between

science and art that has in the expression of new perceptions, emotions and other uses, that are born of the condition the subject of research in their emotional and aesthetic values.

Keywords: Science; Art; Society; Mental Health.

INTRODUÇÃO

A pesquisa traz em análise um projeto que trabalhou com temáticas constitutivas do humano fazendo um destaque para as artes cênicas, produzidas em oficinas de teatro. O intuito do trabalho foi investigar a articulação entre a ciência e arte como uma porta que se abre, conferindo maior possibilidade de colocação do sujeito na sua ação no mundo. Para tanto, nos cabe lembrar que ensinamentos de Nise da Silveira nos levaram a ter como objetivo geral da pesquisa verificar de que maneira os efeitos da arte podem contribuir para promover uma melhor comunicação entre o cliente e a terapia da expressão artístico cultural.

Assim, traçamos como objetivos específicos: avaliar como as artes cênicas podem unir ciência e arte, observando os ensaios artísticos que aconteciam no espaço institucional, no intuito de amenizar as doenças emocionais. Nossa justificativa se fez presente a partir da crença de que projetos que envolvem temáticas estimulantes despertam olhar representativo sobre um grupo social. Pesquisar assuntos diferenciados nos leva a pensar e conhecer o estado da arte de propostas que rompem com o tratamento segregado a quem possui baixa estabilidade emocional e cognitiva, tornando esse estudo desafiador por si só.

A pesquisa tem na sensibilidade do encontro da arte e da ciência o “afeto” como um elemento referencial na melhora da autoestima dos portadores de doenças emocionais, e se traduz na lógica das humanidades. Sobretudo, quando diante de limitações, trazemos à cena Silveira (1986) na consciência formadora dos valores e correspondências de ações e construções. A dimensão humana e suas emoções dentro do

contexto apresentado pela autora, estabelece um elo integrador ao campo das vivências humanas. As relações que nascem do campo da ciência e da arte redundam dos trabalhos com as dimensões emocionais que reposicionam os sujeitos da pesquisa tornando-os inseridos na sociedade.

O caminho metodológico apresenta breves conceitos das relações de pesquisa nas ressignificações e reposicionamento dos sujeitos que estão inseridos no campo de análise. O cenário estudado é um espaço de arte e cultura em que não se prescinde do conhecimento da ciência, localizado numa instituição de saúde mental. É nesse cenário que os sujeitos são bem-vindos na convivência entre artistas, pesquisadores e médicos que ali convivem com os internos. No espaço são realizadas oficinas terapêuticas, organizadas em reuniões dos agentes culturais, na perspectiva de fazer com que cada interno constitua suas relações com o outro, com a arte, com a cultura, com a ciência e o mundo, diminuindo a sua relação de dependência e prisão emocional.

Para o desenvolvimento deste estudo foi necessária uma busca bibliográfica em livros, artigos científicos, documentos eletrônicos, entre outros para obtenção de conhecimentos sobre doenças emocionais, conceitos e histórico da ciência e arte, além do uso das artes cênicas como experimento artístico e científico.

O CAMPO E A PESQUISA: PRIMEIRAS IMPRESSÕES

O campo da pesquisa foi acolhedor e descansava as nossas vistas pelo movimento dos coloridos e das obras dos cenários ali já trabalhados. Fomos acariciadas com a recitação de uma parte da adaptação do clássico “Hamlet”, que tem como ator um sujeito da pesquisa em tratamento. Este fato fortaleceu o pensar do teatro como amenizador nas doenças emocionais que liberta através da representação. Vivíamos um momento ímpar de experimentar o sentimento que tentava não caminhar na “mortificação” do eu, como já assinalado e lido por nós em Goffman (1974).

A fala de Bourdieu (1997) ecoava em nós ao entender, em pele, que os sujeitos ocupam “espaços mais próximos quanto mais similar for a quantidade e a espécie de capitais que detiverem”, gerando “internalizações de disposições que diferenciam os espaços a serem ocupados”. Nesse sentido, vimos que aqueles sujeitos ali representados

passam a construir sua realidade social que redundam naquela instituição com pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam. A teoria lida ganhava luz e vida naquela cena, recuperávamos ali o sentido das práxis.

Passamos para uma segunda etapa, na qual nos foi apresentado uma horta onde são cultivados vários tipos de ervas para chás, que são oferecidos no momento do chá, que acontece às tardinhas de quartas-feiras. A partir daí fomos fazer uma visita de conhecimento e reconhecimento de todo espaço. Estávamos num espaço onde se trabalha ciência e arte, que vai ao encontro dos pensamentos que todo ser humano é um artista e que quando nos colocamos do lugar do outro estamos usando a representação.

Vimos gentileza nos que ali estavam. Sempre gentis e atenciosos promoveram a visita aos quartos, às cozinhas, banheiros e salas de oficinas.

Em outra visita, por volta da 11h chegamos à instituição, para conversarmos com um agente cultural 1 que ficou de enviar as respostas de um questionamento aberto para essa pesquisa. Encontramos outro agente cultural 2, acompanhado de outro sujeito da pesquisa, na entrada da porta que se encontrava fechada, esperando também pelo agente que iria atender. Esperamos cerca de 40 minutos. Durante a espera, aproveitamos para conversar a respeito da pesquisa, sobre a espera das respostas dos roteiros de questionários, para agentes e clientes. O agente 2 se colocou à disposição para responder às perguntas, quando outro agente, o agente 3, chegou com a chave. A partir de então, entramos e começamos a conversar sobre o motivo da visita naquele dia. O agente que chegou com a chave se mostrou solidário e ambos começaram a responder as perguntas, nesse momento chegaram um casal e um senhor acompanhando um jovem para ser atendido.

O agente 3 pediu licença para atender as pessoas que chegaram. Outro cliente que já havia conhecido em outra ocasião, entrou na sala cantando um samba e tocando violão. Nós e o agente 2 conversamos após ele ter respondido as perguntas realizadas, e acrescentou falando sobre como começou a trabalhar na instituição. Trabalhava no cenário por volta de 15 anos, quando passou a fazer parte, logo no início do projeto e que uma vez por ano, geralmente no mês de setembro, acontece um seminário neste espaço de tratamento alternativo para amenizar os efeitos das doenças mentais.

AS FALAS, A LOUCURA E O ENCANTAMENTO PELA ANÁLISE DA PESQUISA.

Entrevistamos profissionais e clientes que vivem a dinâmica e o cotidiano da instituição, elaboramos algumas perguntas e deixamos livre para que pudessem ser respondidas à luz da liberdade e da experiência e vivência dos sujeitos participantes da pesquisa, assim, colhemos algumas falas representativas do processo, das quais, sucintamente, expomos e logo após realizamos uma breve análise de livre interpretação, consubstanciada no aporte teórico construído para esse trabalho, o qual nos baliza a arriscar construções narrativas que não fujam à questão e coloquem na centralidade um aprofundamento responsável referente à ciência que interpõe e consolida processos de entendimento e melhor participação nas cenas da vida e nas tramas engendradas por ela.

A fala do sujeito 1

O primeiro sujeito foi um técnico que é funcionário da instituição há 35 anos e, atualmente, desenvolve um trabalho na área de economia criativa na instituição.

Primeiramente elaboramos a seguinte pergunta: “A arte pode ser vista como um recurso de cuidado na saúde mental que contribui para o processo de desinstitucionalização?”. De acordo com a reforma psiquiátrica brasileira ela pode ser vista assim? A resposta que obtivemos para a pergunta foi:

“Sim, a arte não somente pode ser vista como um recurso de cuidado na saúde mental, mas também deve ser, porque ela contribui, e muito para o processo de desinstitucionalização, inclusão e fortalecimento da reforma psiquiátrica. Desde o trabalho de Nise da Silveira observamos que a tomada da arte como ferramenta de trabalho no cuidado das pessoas em sofrimento mental, amplia significativamente o modo de cuidado, influenciando na clínica de atenção psicossocial. Então naturalmente aumenta os recursos no processo. ”

A segunda pergunta caminhou no mesmo sentido, mas buscamos aqui uma relação mais direta entre ciência da saúde e arte como temas centrais da análise. Dessa forma indagamos: “Como você vê a relação da arte cênica com a saúde mental? ”.

“A arte cênica é uma forma de representação das cenas do cotidiano, das expressões afetivas e seus comportamentos, podendo o palco ser compreendido como qualquer local onde acontece esta relação. Em saúde mental é comum pensarmos nos acontecimentos e o modo como os sujeitos são afetados e ainda como expressam esta afetação, sendo assim, acredito que arte cênica é um poderoso instrumento de cuidado para entendermos e desenvolvermos estratégias de intervenção nos atos que se apresentam. Um ótimo exemplo está no recurso do teatro do oprimido, proposto por Augusto Boal. ”

Nessa narrativa, buscamos mais especificidades para que na fala apreendêssemos o refluir do que nossos olhos durante as visitas captaram de interessante e belo, mas não perdendo a dimensão lacunar, porque consideramos que por via desse olhar novas construções de acertos e manutenção de ações que se constroem a bem do outro possa acontecer. Portanto, elaboramos tal reflexão: “É possível unir a arte com o tratamento psicológico para amenizar os efeitos das doenças emocionais”? Em respostas obtivemos o seguinte pensamento.

“É possível. Sim acredito nisso, as ações grupais, as técnicas de entrosamento, a adesão dos objetos mediadores com intenção de provocar o rapport são exemplos de uso destes recursos, que trabalham a emoção e lapidam mentalmente. ”

Sendo assim, dialogamos acerca de como nosso sujeito poderia comentar um caso que tivesse acompanhado e visto resultados por meio das artes em um tratamento de um tipo de doença emocional. Aprendemos com a experiência colocada em cena, que recorre à memória como recurso de ato presente:

“Lembro de um jovem autista de aproximadamente 26 anos que até então mantinha uma rotina cotidiana compensada, frequentava atividades sócio educacional, humor estabilizado e relacionamento sócio familiar sem grandes complicações. Num certo momento de sua vida começou a apresentar alterações como: insônia, heteroagressividade direcionada a genitora, aparente tristeza, alternando com visível irritabilidade. Na conduta clínica adotada, optamos por trabalhar com argila, e cores (tanto no grafismo como nas colorações das peças de argila). O resultado apareceu sutilmente. O jovem começou a expressar seus anseios à medida que produzia. Identificamos o medo de morte em relação a mãe pois as alterações comportamentais iniciaram seis meses depois da morte do pai. Quando o jovem pode expressar isso, seja pela argila ou pela coloração, os sintomas desapareceram.

Esse foi apenas um exemplo onde a produção terapêutica se mostra pela interlocução com a arte. Há outros que caminham nesse mesmo sentido ”.

Buscando sempre a vinculação entre as temáticas trabalhadas na pesquisa e a observação de quem trabalha nos meandros dessa questão tão delicada e essencial à composição dos sujeitos em vida, perguntamos ao nosso entrevistado como era possível identificar a arte como um instrumento promotor de saúde dentro do campo da saúde mental. De forma assertiva, objetiva e rápida, nosso sujeito em poucas e expressivas palavras nos respondeu:

“Sem dúvida, a arte em si já é um promotor de saúde e dentro do campo de saúde mental é um instrumento de grande valia para cura, melhor vivência com a sua condição e maior convivência prazerosa com os outros. ”

Prosseguimos nossas indagações, agora mais especificamente, nos objetivos e nas temáticas da pesquisa, tentando captar, ao máximo, visões que poderiam refutar ou comprovar nossa hipótese, assinalando os pressupostos entendidos por esse estudo. Em síntese, perguntamos: “dentro do contexto da resposta anterior, nos fale sobre sua visão da união da ciência, cultura e arte a bem da humanidade”.

“Ciência, cultura e arte são bens que humanidade cultivou, são instrumentos que a sabedoria coletiva deixou como legado e que projeta a própria esperança de construirmos uma sociedade mais justa, que possamos pensar nestes instrumentos como base de uma melhor qualidade de vida em seus feitos e afetos. ”

Nesse caso, e conversando com o sujeito, vimos que a psiquiatria, no sentido das relações intra e interpessoais não pode abrir mão de causa tão fina que mexe com brios e convicções formadores de todo o processo biopsicossocial que formamos e que nos formam na via bilateral do processo de relação no mundo.

Na busca de depoimentos que trouxessem e que fossem fieis à experiência e memória, voltamos de forma mais pontual a buscar esse passado quando lançamos a reflexão: “fale de sua experiência e memória relacionada à área que optou por trabalhar”

“Trabalho na rede pública de saúde mental há 35 anos, desde o atendimento em emergência psiquiátrica, as enfermarias, o acompanhamento de familiares de pessoas em sofrimento mental até o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), dispositivos substitutivos do modelo manicomial. São muitas memórias, no entanto o que me levou a optar por este campo, acredito eu, que tenha sido a “liberdade” que a loucura tem em si mesma, que nada do convencionalismo consegue segurar. A loucura parece estar sempre fazendo emergir algo novo, um desafio novo ao cuidar, os portadores de sofrimento mental, são ao mesmo tempo frágeis e extremamente fortes. As biografias destas pessoas, de certa forma são inigualáveis, são experiências que só podem ser compartilhadas ao lidar com a loucura.”

Avançamos em nossa conversa ao solicitar que nosso sujeito da pesquisa nos dissesse “de que forma via o presente, passado e futuro se unirem aos resultados do trabalho empreendidos no hotel da loucura”. Ele nos disse categoricamente:

“Acredito que na linha de tempo, as construções e as desconstruções que ocorreram no campo da saúde mental, permitiram expressões de trabalho e a (re) invenção do modo de cuidar a loucura. O Hotel é uma dessas expressões.”

Não poderíamos deixar de perguntar quais foram as principais críticas e sugestões que possuía em relação ao trabalho empreendido por Nise da Silveira. E assim ouvimos atentos a sutil percepção que segue abaixo:

“Nise da Silveira foi uma pioneira, revolucionária no cuidado e no entendimento das pessoas em sofrimento mental. Sua contribuição a psiquiatria brasileira é incomensurável, mas principalmente ela trouxe a esta clientela um resgate de vida, suas propostas de intervenção provocaram nos profissionais um novo modo de agir e pensar o cuidado em saúde mental. Não tenho críticas a Nise, penso que seus ensinamentos deveriam ser mais amplamente difundidos e a sugestão seria que os profissionais envolvidos no campo de atenção à saúde mental, se apropriassem da biografia desta pessoa e se permitam serem sensibilizados pela sua humanidade, coragem e pelo imenso amor ao outro que ela sempre demonstrou ter.”

Breve análise da fala do sujeito 1

Esse trabalho escrito a quatro mãos, traz o pressuposto da pesquisa para a análise das falas. Tal pressuposto aparece a todo tempo nas colocações do primeiro sujeito entrevistado.

A ciência, no viés da saúde e como veiculadora de ações reestabelecedoras do pensamento e da prática humana, não age sozinha e tão pouco produz resultados deslocados da mediação e olhar humano, sobretudo quando o conhecimento proposto trabalha, intrinsecamente, com o pensar e agir dos sujeitos que se configuram e se reconfiguram em novos espaços que os conduzem a sua condição de autoconhecimento, alimentando elementos fundamentais da sua percepção de não sujeição, de não dependência e de não inadequação social. Assim, pelo que percebemos da fala em questão, a conquista da autonomia extrapola o discurso, ou o meramente escrito e pensado, ganhando o ar prático da vivência e da experiência. Assim, o princípio libertador e autônomo aparece como processo de conquista das intermediações saúde, loucura, ciência e arte.

Portanto, e nesse sentido, a fala do sujeito 1, aponta para um caminho onde as mediações devem percorrer o estrito sentido humano e sensibilizador do outro, da doçura e das possibilidades da vida. Nesse mosaico humano, criativo e reestruturador do ser, os recortes, as cores, o brilho, levam à aventura da composição da harmonia nas mãos do fazer artístico que libera lugar à saúde, ao saber, à ciência, palco de dúvida, busca e descoberta.

Boaventura dos Santos (2003), sabiamente compôs no seu mosaico de ideais e a afirmativa que vira epígrafe e que nos faz refletir sobre nossa condição nos remete ao que aqui foi colocado pelo nosso sujeito da pesquisa. Assim, nas palavras de Boaventura (2003, p.56): “as pessoas e os grupos sociais tem o direito de ser iguais quando a diferença os inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza.” Assim, a fala nos remete que o sentido de igualdade, no cenário estudado, se relaciona à integração, ao reconhecimento da condição da criação e de um estar no mundo que reconheça vontades, criação, singularidades, diferenças.

Falas do sujeito 2

Nosso segundo sujeito entrevistado foi uma estagiária de um CAPS - Centro de Atenção Psicossocial - em Terapia Ocupacional. A ela inicialmente lançamos as mesmas perguntas que foram realizadas com o nosso primeiro sujeito. Entretanto as respostas foram mais abreviadas, talvez devido a rapidez que ela estava em responder as perguntas, mas ainda assim tentávamos explorar mais esse momento que pareceu

“econômico” nas palavras, mas não nas ideias. Desse modo iniciamos a pergunta com a afirmativa de que a arte pode ser vista como um recurso de cuidado na saúde mental que contribui e se era importante para o processo de desinstitucionalização tendo em vista o acordo com a reforma psiquiátrica brasileira. A resposta é apresentada abaixo:

“A arte viabiliza uma experiência que cura pelo simples fato de transcender. Muitas vezes ela ajuda o indivíduo a lidar melhor com o processo saúde-doença, o que tem uma influência direta nas AVDs (atividades de vida diária) do sujeito.”

A relação da arte cênica com a saúde mental, foi respondida de forma sucinta e bastante e de acordo com os objetivos da pesquisa.

“A arte faz a saúde florescer, no campo de saúde mental pude ver quão belo é o caminho que ela faz. Ela alinhava as ações e cria uma linha tênue que com destreza convida os usuários a igualdade e convivência com os demais. Ela não limita ninguém, todos tornam-se parte da troca, basta querer.”

A possibilidade de unir as pontas entre as artes com o tratamento psicológico, é apontado pela entrevistada de forma a amenizar os efeitos das doenças emocionais. Como emblema e lembrança afirmativa de suas experiências:

“Vivenciei um espaço de arte terapia e musicoterapia, e hoje entendo a importância destas para acalmar de forma leve e agradável os pacientes.”

Prosseguindo nas perguntas, nosso sujeito narra uma situação que acompanhou e viu resultados através das artes no tratamento de doença emocional. Ela nos diz:

“Convivi com muitos pacientes de saúde mental, mas quando os conheci, eles já eram tratados. Entretanto conheci um paciente no Hospital Pedro II que era uma espécie de coordenador do grupo de economia solidária, pois participava ativamente e tinha destaque entre eles, tal qual bastante autonomia. Ele se tratava ali há anos e tinha o grupo como uma família.”

A fala do sujeito 2 é convicta quando corrobora com outros autores e pesquisadores que é possível identificar a arte como um instrumento promotor de saúde

no campo da saúde mental. É dentro desse contexto que fala sobre sua visão da união da ciência, cultura e arte quando elas orbitam entre si no sentido, exclusivamente a bem da humanidade.

“A meu ver, a arte e a cultura dão leveza a ciência, tal qual em muitos pontos a ciência tem o poder de fundamentar a arte. Penso que em um espaço endurecido e científico, pode-se utilizar da arte para a sensibilização de sujeitos extremamente tecnicistas, tal qual, em um ambiente artístico e visceral, pode-se utilizar da ciência para profissionalizar e empoderar um sujeito. Fora os casos que ciência e arte se mesclam e tornam uma coisa só. A humanidade precisa de leveza para caminhar, mas sem o peso certo, o movimento não tem quem o guie, o peso que resiste o passo é o mesmo que o guia. ”

Quando tocamos na questão do trabalho empreendido por Nise da Silveira, obtivemos a seguinte fala:

“Nise inspira a luta em amor. A reforma psiquiátrica é uma arma contra a desumanidade proposta como natural ao longo dos tempos. Quem se acha 100% normal, por favor...procure a saúde mental. ”

Breve análise da fala do sujeito 2

Percebemos na fala do sujeito 2 um conhecimento e, de certa forma, uma convicção, com respostas claras e objetivas; o que vai ao encontro desse estudo quando se refere ao contexto da pesquisa, pontuando a possibilidade de um encontro da ciência, cultura e arte. A fala do sujeito nos remete a Goffman (1974), quando assinala que o termo carreira tem sido reservado para os que esperam atingir os postos ascendentes de uma profissão respeitável, em que, dentro desse contexto, a união da ciência, cultura e arte, trata das relações sociais que acontecem com indivíduos antes e depois de serem internados em uma instituição que o abriga no processo de hospitalização.

O sujeito 2 nos atenta para a negação que acontece no momento em que a equipe dirigente desconstrói as tristes histórias que fazem parte de seu dossiê por via de um tratamento específico que confere autonomia. Entretanto, com a sua inserção num mundo de libertação, criatividade e autonomia, como disse ela, “empodera”. Palavra que nos assinala a condição de trazer o poder para si. Que poder? Nesse sentido

podemos traduzir como o poder que o agencia de si e para si, ainda que sua carreira moral esteja tutelada pela instituição.

Observamos, por final que a compreensão dos processos de produção de subjetividade, no contexto das instituições acontece a todo o tempo. Assim, podemos inferir que o “empoderamento” ao qual se refere nosso sujeito 2, como o estabelecimento de uma relação mais dinâmica com estratégias mais atuantes, constituindo como exemplo e referência para análises institucionais e propostas inovadoras que acontecem dentro dessas instituições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ciência e arte mobilizam novas formas de tratamento que conferem maior humanidade nas relações estabelecidas dentro das instituições. Seria, então, pretensioso demais e irreal se de nossa parte achássemos que o assunto gerador dessa pesquisa e as formas de torná-la realidade se resumissem a este trabalho, pois, muito ainda há para ser pesquisado e analisado a respeito do assunto. Muitos passos hão de ser dados para que reconfiguremos, numa ação outra que reposicione na autonomia e liberdade dos seus internos. Mas esse caminho começa a ser pavimentado, pensado, refletido e proposto, a partir de iniciativas como as que acontecem na instituição investigada.

Dessa forma, não apontamos conclusões, mas considerações que são possibilidades por via da metodologia, que nos encaminhou para uma forma participante, a análise do percurso planejado e realizado pela instituição. Vimos como se articula a tríade pesquisada. Buscamos entender as diferentes estratégias nas quais as temáticas arte e ciência se ramificam, circula e produzem novos saberes e sujeitos.

Tem na criatividade das artes cênicas uma maneira a unir o saber da ciência conectado ao fazer e saber em uma cultura de território, realizando assim uma integração social.

Promover cultura e arte embasadas no aporte científico que promova bem-estar, saúde, reflexão e felicidade aos sujeitos de uma sociedade, sejam eles dentro ou fora das instituições, é função de instituições que integrem sujeito e sociedade.

Tentamos, nessa pesquisa, reconhecer na arte o seu fazer, na ciência o seu saber, na cultura o reconhecimento do seu território. É nesse território que podemos unir pontas para o bem social e científico. Foi a partir da definição desse tema que o objetivo geral da pesquisa se fez na busca da compreensão de como os efeitos das artes poderiam contribuir para amenizar as dores das doenças emocionais ao mesmo tempo promover uma melhor comunicação entre o sujeito e a terapia. Por esse caminho ser longo, não cabendo no tempo de um artigo.

As falas colhidas destacaram o auge das ações e mediações entre a ciência, e arte. As análises teóricas nos levaram a reconhecer a união, nada sutil, que existe entre a ciência, como dimensão da descoberta sistematizada acerca do tratamento especificado da mente; da arte como expressão de novas percepções e emoções, trazendo para o campo da cultura novas imagens, músicas, danças e significados de beleza que nascem da condição dos clientes da instituição nos seus valores estéticos. Onde podemos observar que os caminhos dos ensaios artísticos podem amenizar as doenças emocionais no processo da cura pela forma livre e liberta que pode ter, oferecendo aos sujeitos clientes.

Assim, a ciência e a arte, formam novas habilidades que perfazem a busca de outra condição social dos clientes numa vida que os recomponham como sujeitos de intensa criatividade, afeto e alegria, que ameniza as dores das doenças emocionais ao mesmo tempo em que promove uma melhor comunicação entre o psicótico e a terapia. Pesquisar assuntos diferenciados nos levou a pensar o quanto é difícil unir pontas, mas imprescindível é tentar fazê-lo.

REFERÊNCIAS

BOAL, A. Metaxis: Informativo do Centro do Teatro do Oprimido, CTO – RJ. Número 6 – 2010.

[BOURDIEU, P. Os Usos Sociais da Ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico. Os campos como microcosmos relativamente autônomos- 1997- p. 18-29 Disponível: https://docs.google.com/file/d/0B4UG_F2QeFUld2RRWGFkQ2kzb28/edit](https://docs.google.com/file/d/0B4UG_F2QeFUld2RRWGFkQ2kzb28/edit)

GOFFMAN, Erving. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GULLAR, F. Cura pelo afeto. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2702200519.htm> Acesso em : 24/10/2015 http://cronicamente.zip.net/arch2005-02-01_2005-02-28.htm Acesso em; 30/10/2015.

SANTOS, Boaventura Souza, http://faa.edu.br/portal/PDF/livros_eletronicos/multidisciplinar/cidadania/reconhecer_para_libertar.pdf (Santos, Boaventura de Sousa. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003: 56).

SILVEIRA, N. "Os inumeráveis estados do ser". Catálogo de Exposição 40 anos de experiência em terapêutica ocupacional. Rio de Janeiro, 1986.